

O VESTUÁRIO E A ILUMINURA NO SÉCULO XIV: FERRAMENTAS PARA A CRIAÇÃO DE FIGURINOS

Clothing and illumination in the 14th century: tools for costume design

Lopes, Fabiana Fontes. Bacharela. Universidade de São Paulo.
fabiana.lopes@usp.br¹

Resumo

O presente artigo consiste em uma breve descrição do contexto histórico do século XIV e do vestuário do período, com foco na vestimenta nobre feminina. As iluminuras dos manuscritos do período também foram analisadas, de forma a estabelecer um paralelo entre esta forma de arte e o vestuário. Como resultado, têm-se ferramentas para embasar a criação de figurinos ambientados ou inspirados no período em questão.

Palavras chave: vestuário medieval – iluminura – século XIV - figurino

Abstract

This article consists in a brief description of both historical context and clothing of the 14th century, focusing on female noble attire. An analysis of illuminated manuscripts from the same historical period also took place, in order to establish relations between this form of art and clothing. As a result, tools are provided for the creation of costume based or inspired on said time.

Keywords: medieval clothing – illumination – 14th century - costume

1 INTRODUÇÃO

O período de um milênio que compreende a Idade Média (séculos V ao XV) apresenta imensas transformações na história da humanidade, desde os impactos causados pelo surgimento do cristianismo, passando pelos desdobramentos sociais e políticos de uma sociedade baseada na religião e na estrita divisão de classes, até chegar ao florescimento cultural e artístico que foi a semente da

¹ Mestranda em Têxtil e Moda na Universidade de São Paulo. Bacharela em Têxtil e Moda pela Universidade de São Paulo.

Idade Moderna. Tal período trouxe uma enorme riqueza cultural, notavelmente nos campos do vestuário e da ilustração. Este último tinha nas iluminuras dos manuscritos seu maior expoente, uma vez que tratava-se da forma de arte pictórica mais difundida da época. Por causa de sua imensa riqueza cultural, Jacques Le Goff (2014) atribui à Idade Média um “espírito criativo e dinâmico”, em oposição à ideia de “período das trevas” comumente difundida.

Por ser um período de maior riqueza no vestuário e na decoração de manuscritos, este artigo concentra-se no século XIV, nos territórios correspondentes à França e ao Reino Unido atuais. Este século presenciou uma grande crise, formada por uma trilogia de acontecimentos: Guerra dos Cem Anos, peste negra e fome. A redução populacional, o desequilíbrio seguido da recuperação agrícola e as turbulências políticas foram reflexo de uma sociedade que não era mais comportada pelo antigo modelo feudal, mas na qual senhores feudais, burguesia, igreja, mercadores, mestres de ofício, homens livres e muitas outras classes conviviam de forma a gerar uma nova e complexa estrutura social. Esta profunda mudança social foi claramente refletida na arte e no vestuário. Do século em questão, restaram poucos elementos de trajes intactos em exposição até hoje, sendo a maioria deles fragmentos de tecidos. Daí a importância das iluminuras como ferramenta para identificação das formas de vestir e dos ricos motivos deste período.

Este artigo tem como objetivo situar o vestuário do século XIV em seu contexto histórico, com ênfase na vestimenta das mulheres nobres. Visa também traçar um paralelo do vestuário com as iluminuras do período, de forma a evidenciar a correlação entre ambos e seus aspectos aproveitáveis para a criação de figurinos ambientados ou inspirados no referido século. Como método, utilizou-se a pesquisa qualitativa, baseada na revisão bibliográfica nas áreas de história da moda e história da arte medieval. Além disso, foi realizada uma análise imagética de iluminuras de manuscritos do período.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

O século XIV vivenciou na Europa um cenário de conflitos, crises e drásticas mudanças políticas e culturais. A Inglaterra e a França estiveram no

coração dos conflitos na Europa Ocidental, no contexto da Guerra dos Cem anos e, internamente à Inglaterra, também da Guerra das Duas Rosas. Ambos os conflitos são diretamente relacionados à família real inglesa, que desde o século XIII era a dinastia Plantageneta. Na França, a família dominante era a dos Capetos, rivais dos Plantagenetas. Com poder de início apenas simbólico, controlando as cidades de Paris e Órleans, os Capetos conseguiram aliados fornecendo apoio militar às cidades, e também contando com a ajuda da Igreja, que tinha interesse em aliar-se ao lado em maior vantagem.

Em 1328, a dinastia dos Capetos deu lugar à dos Valois. Os conflitos entre Inglaterra e França continuaram, agora com a disputa pela região de Flandres, rica região exportadora de lã para a Inglaterra. A Inglaterra obteve apoio financeiro das cidades, que temiam o encerramento desse comércio, e ficou em posição de vantagem em relação ao adversário. Este foi o estopim da Guerra dos Cem Anos, que começou em 1337 e com algumas interrupções durou até 1453. Após diversos ataques de ambos os lados, Henrique V da Inglaterra tomou Paris e sitiou Órleans. Esta cidade contou com a figura de Joana D'Arc, mulher de origem simples que alegava ser mensageira divina, para organizar um exército e retomar a cidade. A partir deste impulso inicial, a França tomou a maior parte dos territórios ingleses, tornando-se vitoriosa na Guerra dos Cem anos. Este fato contribuiu para a sua consolidação como Estado Nacional. Do lado da Inglaterra, os conflitos também fortaleceram a formação de um Estado, além de terem originado o Parlamento, forma de governo existente até hoje.

Por outro lado, a Peste Negra e a fome completaram o cenário de crise do século XIV. Com o acentuado crescimento da população, a produção já não era suficiente para atender a demanda na Europa. A agricultura também sofreu prejuízos devido a uma mudança no clima iniciada no século XII: uma suave queda da temperatura, acompanhada de excesso de chuvas e inundações, além do esgotamento do solo. Além da escassez de vegetais, epidemias de zoonoses espalharam-se sobre o gado, destruindo boa parte da fonte de proteína e derivados de leite da população. Estes fatores desencadearam graves crises de fome, a mais importante delas durando de 1315 a 1322. Em 1347, outro mal recaiu sobre a Europa: a Peste Negra, causada por uma bactéria e transmitida por pulgas de ratos, que vieram transportados por navios da Ásia. Esta doença

contagiosa rapidamente espalhou-se por todo o continente, também por meio de transações comerciais marítimas. O efeito da Peste foi devastador: dizimou aproximadamente um terço da população do continente.

Apesar da devastação causada pela trilogia “guerra, peste e fome” no século XIV, a redução drástica na população teve efeitos positivos para o renascimento do comércio e da agricultura. No início do século XV, a demanda por alimento já era menor que a oferta, e os preços antes altíssimos sofreram uma queda. O comércio também foi favorecido com o reestabelecimento de produtos agrícolas, acompanhado pelo fluxo de migrações dirigidas às cidades. Ganharam destaque no comércio de peles, grãos, âmbar e outros bens de luxo as cidades germânicas do norte, além do comércio de importados, como sedas e lãs, nas cidades italianas. Essa recuperação da crise generalizada fomentou as bases para o que viria a ser o Renascimento dos séculos seguintes (a partir do século XVI), nos quais desenvolveriam-se notavelmente a economia e a cultura, dando início à Idade Moderna.

3 O VESTUÁRIO NOBRE DO SÉCULO XIV

Odile Blanc salienta as significativas mudanças no vestuário do século XIV, reflexo do caos atravessado pela Europa. Segundo a autora, a crise deste século e a posterior recuperação do continente teriam gerado uma nova forma de vestir (BLANC, 2002, p. 158). Por toda a Europa, a corte francesa ganhou fama por sua vestimenta extravagante, ausente nos períodos anteriores, e muitas vezes criticada pelos contemporâneos, com sua “aparência esbanjadora” especialmente após a morte do rei francês Carlos V, em 1380 (NORRIS, 1999, p. 204).

Característica peculiar desta época é a falta de distinção entre as classes sociais no vestuário. Em uma época em que os têxteis estavam mais facilmente disponíveis por meio das feiras e comércio com o Oriente, e o perigo da violência e dos saques era alarmante, os cidadãos nobres e comuns, civis ou militares, vestiam-se de maneira semelhante e muitos passaram a andar armados e de armadura (BLANC, 2002, p. 164). A burguesia vestia-se de forma a imitar a nobreza, e ambas as classes superiores também eram imitadas pelos

camponeses. Havia ainda o fator saque: um soldado comum poderia obter imensas riquezas em uma guerra, como aconteceu com os vitoriosos ingleses na batalha de Poitiers contra a França, que lhes rendeu tesouros em cintos, peles e outros adornos (NORRIS, 1999, p. 205).

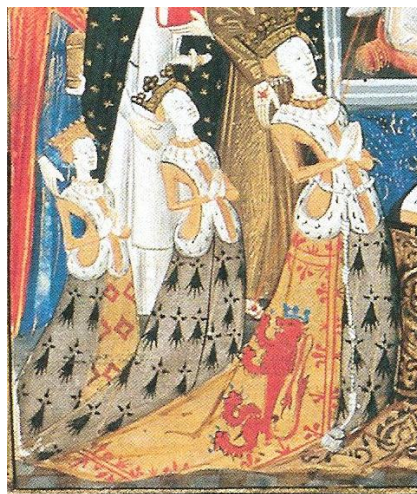
Segundo Norris (1999, p. 216) o *pelisson*, usado pelas mulheres, era uma longa capa forrada com pele, derivado da Alta Idade Média. Ao invés de mangas, continha buracos para se transpassar os braços. Na gola, uma sobra de tecido ficava pendente e era dobrada para fora, de modo que o forro ficasse visível. Uma variação do *pelisson* é o *houpelande*, vestimenta externa com mangas e saias longas que podiam arrastar-se até o chão. A sobreveste dos séculos anteriores continuou fazendo parte do visual feminino, agora sem mangas mas com largas cavas, e arrastando no chão na parte traseira. A esta peça, dominante na primeira metade do século, Norris atribui o nome de *sideless gown*, ou “vestido sem laterais”, em uma tradução livre. Muitas vezes adornada com brasões familiares, também poderia ser forrada ou decorada com peles.

As largas cavas da sobreveste deixavam aparente o vestido de baixo: o *cotehardie*. As mangas desta peça interna eram tão justas que precisavam, algumas vezes, ser costuradas após vestidas, podendo ser facilmente descosturadas. Isto permitiu a grande variedade de combinação de tecidos entre *cotes* e mangas, além do costume das mulheres de carregarem agulhas para brincarem no bosque de mangas descosturadas. Também alimentou a tradição dos cavaleiros de levarem como troféu de torneio uma manga oferecida por uma dama.

O vestido *cotehardie* passou a ganhar importância no século XIV, e dele surgiram diversas variações. Era em geral bem ajustado do torso ao quadril, abotoado ou amarrado na frente ou atrás. A saia era ampla e com nesgas ou sobras de tecido de modo a formar dobras e eventualmente uma cauda, e na parte frontal muitas vezes tinha fendas que serviam para agasalhar as mãos ou pendurar a cauda. As mangas podiam ter comprimento até o cotovelo, deixando o vestido interior à mostra, e delas saíam longas faixas de tecido penduradas. Outro tipo de manga era a longa com botões até o punho ou mesmo chegando aos dedos, com ou sem faixa pendurada, podendo ser usada fechada apenas até o punho, deixando a sobra invertida.

O século XIV presenciou ainda o retorno dos ombros descobertos, costume originário das mulheres bárbaras e que havia cessado com o uso de véus no pescoço à moda árabe. Ornamentos como broches podiam ser usados para fixar o vestido na altura dos ombros e como adorno no centro do decote. O *cotehardie* também podia ser usado com um cinto encrustrado e levemente largo, eventualmente com uma extremidade pendente, costume copiado dos homens. Também podia ser composto por duas ou mais peças de tecido em cores diferentes, coordenadas com as cores do senhor feudal ou da cidade, contendo ou não motivos bordados. A figura 1 traz uma iluminura com exemplos de vestidos bipartidos. Por serem muito justas na parte superior, estas peças sugerem o uso de corpetes por baixo, que podiam ser peças costuradas ou apenas bandagens de tecido.

Figura 1: Detalhe dos vestidos bipartidos. Fonte: *La passion du livre au Moyen Age* (2010, p. 113).



O traje completo de ocasiões especiais constituía-se, da camada mais interior à exterior, por: vestido interior ou *cotehardie*, cinto decorado, sobreveste sem mangas, *plastron* (espécie de peitoral que fazia a junção do *cotehardie* com a sobreveste) e manto amarrado por uma corda na altura da clavícula. Sobre o *plastron* e ocupando o centro do traje, usava-se uma faixa vertical com joias ou botões, presos a buracos no *plastron*, por sua vez preso a ganchos no *cotehardie*. Desta forma fixavam-se juntas todas as partes do traje nobre (NORRIS, 1999, p. 233). No cotidiano, as mulheres nobres adotavam modelos mais práticos, como

vestidos mais soltos ou *pelicons* curtos. *Surcotes* eram túnicas usadas externamente com a função de agasalhar, podendo ou não ter mangas e abotoaduras frontais.

4 A ILUMINURA NO SÉCULO XIV

As ilustrações dos manuscritos acompanhavam as transformações dos grandes estilos artísticos da Idade Média. Aproximadamente a partir do século XII surgiu o estilo gótico na Europa, com arcos ogivais e grandes vitrais nas catedrais, assim como um maior nível de detalhes nas esculturas. Com as iluminuras não foi diferente; o século XIV conheceu uma maior apreciação da forma natural, acompanhada de grande habilidade técnica. Os desenhos perderam o contorno rígido dos períodos anteriores; o sombreamento era frequente, além de persistir a utilização de cores vivas, ouro polido e padronagens nos planos de fundo. A heráldica² também passou a ser usada na decoração de margens, notavelmente nos manuscritos ingleses. Destacava-se também a utilização de motivos animais e vegetais, como vinhas e folhas de acanto. A figura 2 evidencia um elemento da heráldica e os motivos vegetais. Os motivos presentes nas iluminuras eram semelhantes àqueles encontrados no vestuário e nas tapeçarias, bem como em acessórios como cintos e broches.

Figura 2: Brasão do cardeal Rolin, elemento da heráldica, e os motivos naturalistas. Fonte: *La passion du Livre au Moyen Age* (2010, p. 83).



O meio do século XIV presenciou primeiramente uma retração na produção literária, motivada pela Peste Negra, que provocou a redução de mão-de-obra em

² Ciência ou arte de descrever brasões ou escudos.

todos os setores da sociedade. Mesmo assim, a recuperação da crise significou notável florescimento das artes. Na França, destacou-se o artista Jean Pucelle, cujo trabalho caracterizava-se pelo notável uso da perspectiva na representação da arquitetura e alto grau de realismo em relação aos séculos anteriores, principalmente no desenho de feições e complexos drapejados, nos quais era aplicado meticuloso sombreamento. Sob Carlos V, a França presenciou a chegada de artistas flamencos cuja influência, somada à italiana, originou um estilo artístico denominado “gótico internacional” (CASSAGNES-BROUQUET, 2010, p. 114).

Conforme colocado por Suzan L’Engle (2002), uma das melhores representações do vestuário popular medieval, principalmente dos séculos XII ao XIV, consiste nos manuscritos iluminados, em especial aqueles que ditavam leis. Uma vasta gama de profissões pode ser identificada nas figuras humanas representadas. Em geral, as figuras continham um líder de caráter religioso ou da nobreza, acompanhado de pessoas de classe social mais baixa, nas quais é visível sua condição inferior (L’ENGLE, 2002, p. 25). Odile Blanc faz um paralelo das iluminuras medievais com as atuais ilustrações de moda. Mais ainda, com as revistas de moda. Ou seja, ambas apresentam ao público um novo jeito de vestir, ainda que este não seja representado da forma mais realista possível. Assim como em uma revista de moda, uma ilustração teria certo grau de liberdade do artista. “(...) homem é representado como a sensibilidade aristocrática quer que ele apareça” (BLANC, 2002, p. 160)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise do contexto histórico do século XIV, já no final da Idade Média, permite uma visão da interrelação entre arte e vestuário, bem como as conexões deste com os acontecimentos políticos e econômicos do período. As silhuetas são resultado de uma nova estética, mais ousada e menos presa à religião, permitindo, sobretudo à nobreza mas também à burguesia, certa dose de vaidade. A maior disponibilidade de materiais é um reflexo da expansão do comércio, que tinha como importante elemento as feiras, bem como das cruzadas no Oriente, possibilitando a chegada de sedas e outros tecidos e ornamentos.

No que diz respeito à criação de figurino com base no referido século, muito se pode aproveitar deste estudo. Tanto um figurino fiel do ponto de vista histórico quanto um inspirado no período em questão podem se beneficiar de uma importante ferramenta: as iluminuras dos manuscritos medievais. Forma de arte pictórica mais difundida da época, estas ilustrações informavam cores, formas, acabamentos, caimentos, hierarquia, entre outros elementos do vestir. Por outro lado, os motivos decorativos presentes nas iluminuras podem ser utilizados para inspirar bordados, brocados e acessórios, uma vez que eram essencialmente similares aos que apareciam nos têxteis.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

BLANC, O; L'ENGLE, S ; SNYDER, J., et al. **Encountering medieval textiles and dress: objects, texts, images**. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2002. 270 p.

BOUCHER, F. **História do vestuário no Ocidente**. 4. ed. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 477 p.

CASSAGNES-BROUQUET, S. **La passion du livre au Moyen Age**. 3 ed. Rennes: Editions Ouest-France, 2010. 126 p.

DALARUN, J. **Le Moyen Age en Luminière: Manuscrits Enluminés des Bibliothèques de France**. Librairie Arthème Fayard, 2002. 397p.

HOUSTON, M. **Medieval Costume in England and France: the 13th, 14th and 15th Centuries**. Nova Iorque: Dover Publications, 1996. 227 p.

KOSMINSKY, E. A. **História da Idade Média**. São Paulo[?]: Centro do Livro Brasileiro, 1960. 278 p.

LE GOFF, J. **O Apogeu da Cidade Medieval**. 1. ed. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 235 p.

NORRIS, H. **Medieval Costume and Fashion**. 2 ed. Nova Iorque: Dover Publications, Inc, 1999. 485 p.

Webgrafia

FITZWILLIAM MUSEUM. **Making art: Medieval manuscripts**. Cambridge: University of Cambridge, [s.d.] Disponível em: <http://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/pharos/images/swf/manuscript/manuscript_5a.html>. Acesso em: 13 jun 2014.

HOFMANN, M. **French illuminated manuscripts: late fourteenth to early sixteenth century**. Catalogue of illuminated manuscripts. British Library, [s.d.] Disponível em: <<http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/TourFrIntro.asp>>. Acesso em: 20 jun 2014.

JULIEN, C. In: Heilbrunn Timeline of Art History. **Gothic Art**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2002. Disponível em: <http://www.metmuseum.org/toah/hd/mgot/hd_mgot.htm >. Acesso em: 19 abril 2014.

LE GOFF, J. **Entrevista concedida ao Jornal O Globo**. [abr. 2014]. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/04/05/>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

MIRANDA, A. et al. **À Descoberta da Cor na Iluminura Medieval**. Lisboa: UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. Faculdade de Ciências e Tecnologia - Departamento de Conservação e Restauro. 28 p. Disponível em <http://www.dcr.fct.unl.pt/sites/www.dcr.fct.unl.pt/files/documentos/projectos/iluminura/introducao_cadernos_de_apoio.pdf>. Acesso em: 10 abr 2014.

PARMEGIANI, R. F. O lugar das iluminuras medievais nas bibliotecas de obras raras. **ComCiência**, Campinas, n. 127, abr. 2011. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun 2014.